

Ondas de protestos universidades americanas: origem e propagação

Nos últimos dias, protestos universidades americanas ganharam força e expandidos por todo o país, resultando prisões massa e uma ampla cobertura da mídia. O movimento, entretanto, não conseguiu decolar outros países.

Em comparação, protestos universidades estrangeiras ocorreram, mas sem o mesmo impacto. No Reino Unido, por exemplo, estudantes tomaram algumas instituições de ensino superior, mas não conseguiram chamar a atenção nacional ou causar uma cadeia de demonstrações.

As razões para a rápida propagação do movimento universidades americanas pesem mais questões políticas domésticas do que eventos na Faixa de Gaza, especialistas afirmam.

O "efeito ovação": por que o movimento de protesto teve início universidades americanas

De acordo com Omar Wasow, Professor de Ciências Políticas na Universidade da Califórnia, Berkeley, o crescimento dos protestos pode ser entendido como um "efeito ovação". Se algumas pessoas uma plateia se levantarem para lotar, é provável que outras façam o mesmo, gerando um efeito cascata, e Wasow compara isso com as primeiras manifestações campi americanos.

Os protestos pró-Palestina universidades urbanas mais proeminentes, como a Universidade de Columbia, alcançam uma maior divulgação, uma vez que concentram mídias nacionais e possuem um posicionamento semelhante à primeira fila um auditório.

As peculiares dinâmicas políticas estadunidenses

Os partidos políticos nos Estados Unidos possuem perspectivas divergentes sobre a questão israelense, resultando uma narrativa Republicana com o potencial de causar divisões entre os Demócratas.

O apoio ao Estado judeu é disseminado entre os Republicanos, que por sua vez têm um longo histórico de questionar a ideologia que impera universidades. Críticas a presidentes universitários têm sido apontadas por legisladores Republicanos, forçando tomadas de posição por questões de antissemitismo ou simpatia a protestos anti-Israel.

Esse cenário político faz com que presidentes universitários passem a ser alvos fáceis. Decisões administrativas que conciliam múltiplos interesses ambientes universitários podem despertar politizações externas, aumentando dramatizações.

Se a Teerã está contendo a respiração, não é por tensões políticas, mas pelo smog que envolve a capital congestionada no verão

Enquanto Teerã aguarda a segunda rodada das eleições presidenciais entre o rigorista Saeed Jalili e o reformista Masoud Pezeskhan, a classe média jovem da capital expressa seu desprezo pelo processo político.

Desilusão e desânimo com o processo político

Angel, veterana das protestos Women, Life, Freedom, disse: "Estamos tão desapontados com o que aconteceu. Houveram tantas promessas, mas nenhuma foi cumprida. Em vez disso, eles voltaram para impor o hijab e nos levar para a delegacia. Em alguns aspectos, é pior e mais humilhante devido a tudo o que passamos. A política é uma irrelevância."

Maryan, analista de direitos das mulheres, disse: "Após a morte de Mahsa Amini, há muita raiva e ressentimento. Eu mesmo conheço pessoas religiosas que não votarão. Não importa se for Pezeskhian ou Jalili, porque o presidente é apenas um fantoche."

Um engenheiro de petróleo do sexo masculino com um rabo de cavalo admite que assistiu ao debate final de duas horas entre os candidatos na televisão e provavelmente votará para impedir Jalili, afirmando que sabe que outros pensam que se o rigorista for eleito será equivalente ao Talibã chegando ao poder.

"Não podemos nos tornar uma sociedade fechada como a Coreia do Norte. Toda a história e a geopolítica do Irã são de abertura para a Ásia e para o Ocidente. Somos um país de diferentes culturas, grupos étnicos e opiniões diversas. Precisamos de mudanças graduais neste país, e isso é o que Pezeskhian representa." Mas mesmo ele não está certo se votará.

Um panorama frio nas eleições iranianas

Na praça Vali Asr, há dois retratos gigantes dos candidatos – o cardiologista de 70 anos Pezerskian e o ex-diplomata Jalili, que se opôs ao acordo nuclear com o Ocidente. Em distritos de classe trabalhadora, apenas alguns cartazes estão exibição. É o que os iranianos descrevem como as eleições mais frias.

Ao menos, a primeira rodada de votação, concluída na sexta-feira passada, esmagou algumas lendas iranianas estabelecidas. A primeira era que permitindo que um candidato reformista concorresse e garantindo uma eleição mais competitiva, o regime poderia deter uma longa queda na participação. Em vez disso, a participação atingiu um recorde baixo de apenas 39,9% dos 61,45 milhões de eleitores, incluindo 1,2 milhão de cédulas anuladas.

A crise de legitimidade para o líder supremo, Ali Khamenei, apresenta-se.

Informações do documento:

Autor: dimen.com.br

Assunto: 7games casino android

Palavras-chave: **7games casino android - dimen.com.br**

Data de lançamento de: 2025-01-16